

## **O catolicismo ultramontano: um estudo sobre a instrução feminina no Colégio Sant'Anna no findar do século XIX até meados do século XX**

**Kênia Guimarães Furquim Camargo**

**Resumo:** O presente trabalho tem como proposta analisar como ocorreu a formação do pensamento católico, aliado à educação da mulher, e sua efetiva abrangência na formação cultural da sociedade brasileira. O debate principal recai sobre a educação feminina ofertada no Colégio Sant'Anna, fundado em 1889, na Cidade de Goiás. A análise, aqui realizada, procura mostrar que um grande número de Congregações femininas entrou no país, com o intuito de atender os anseios da Igreja. Assim, procura-se desvelar as possíveis contribuições dessas Instituições católicas à educação feminina, vinculadas ao movimento de romanização da Igreja, comumente conhecido como ultramontanismo. Para tanto, utilizou-se levantamento de cunho bibliográfico como também a realização de um mapeamento de documentação, principalmente nos arquivos do Colégio. O referencial teórico-metodológico da análise encontra-se ancorado na perspectiva da História Cultural.

**Palavras-chave:** Catolicismo ultramontano. Educação feminina. Colégio Sant'Anna.

### **Introdução**

O presente trabalho encontra-se situado no âmbito da história e historiografia da educação brasileira, tendo como vertente a história das instituições escolares. Já o referencial teórico-metodológico que norteia a pesquisa é o da História Cultural. Focaliza, ainda, como objeto de estudo a educação feminina no percurso da história da educação brasileira, particularmente no que diz respeito a influência da Igreja Católica na formação da juventude feminina no findar do século XIX até meados do século XX.

A Igreja, como instituição social, conforme salienta Gonçalves (2004), tem uma identidade que se encontra em processo de constituição a partir de um conjunto de elementos disponíveis em cada momento histórico. Por isso, apresentaram, em sua história, algumas fases bem distintas, como a de constituição, de conservação e até mesmo a de desconstrução. Sendo assim, pode-se afirmar que a Igreja Católica se configurou entre as instituições que souberam criar mecanismos de resistência e adaptação às mudanças da sociedade ao longo de sua história.

Nos finais do século XIX e início do século XX, mais precisamente com a Proclamação da República, as relações entre Estado e Igreja, no Brasil, alteraram-se profundamente, ou seja, houve um enorme enfrentamento entre a Igreja Católica e o liberalismo caracterizado por uma forte oposição aos Estados modernos de inspiração liberal. Nesse particular, pode-se afirmar que o século XIX foi o período da consolidação da

sociedade moderna. No entanto, trata-se da construção de uma nova sociedade, sob as bases de uma nova mentalidade, com novas possibilidades técnicas e com a acumulação de recursos provenientes do setor privado.

Com a separação entre Igreja e Estado, abriram-se as portas para a vinda de inúmeros institutos religiosos para o Brasil, possibilitando assim um incremento muito grande na vida religiosa no Brasil, haja vista que:

[...] a crise de muitas congregações religiosas da Europa em força do progresso do laicismo e do liberalismo, como na França e na Alemanha, veio favorecer a transferência de grande contingente de religiosos para o Brasil [...]. Em sua atuação os religiosos darão grande colaboração ao episcopado em sua posição de defesa do catolicismo [...]. Os religiosos terão parte ativa na imprensa católica, com a multiplicação de revistas, jornais, livros e folhetos, com ênfase no aspecto doutrinário e catequético. (AZZI, 1983, p. 18)

Com o florescimento de ordens e congregações, iniciava-se, pois, uma nova etapa na educação católica brasileira. O crescente aumento das escolas católicas, principalmente os internatos, era uma conciliação pela busca da evangelização escolar da juventude e a formação de novos quadros religiosos, transmitindo os valores da fé católica. Os colégios religiosos se prestavam a esse serviço, bem como Manoel salienta:

[...] veiculavam uma educação fortemente conservadora, fundamentada no modelo familiar cristão tradicional, o que permitia à Igreja um certo controle na organização da sociedade, do sistema educacional e, possivelmente, no sistema de difusão de ideias. (MANOEL, 1996, p. 21)

Ainda em relação à vinda das Congregações, Ordens e Institutos, Azzi assevera que:

Em resposta ao estímulo dos bispos, os religiosos passaram a multiplicar seus estabelecimentos educativos, mesmo em detrimento de outras atividades típicas de sua fundação. Aliás, não faltaram congregações européias que iniciaram no Brasil sua atuação nessa área exatamente para atender às solicitações do episcopado. Houve dessa forma muita improvisação. Assim sendo, a multiplicação dos colégios católicos significou, por vezes, a diminuição da qualidade de ensino. Não obstante, na perspectiva da hierarquia católica, o elemento fundamental que estava em jogo era a preservação da fé, nem sempre a formação cultural. (AZZI, 1994, p. 12)

Nessa mesma direção, vale ressaltar que nas instituições de caráter confessional prevaleciam os padrões culturais notadamente conservadores, privilegiando um ensino literário e clássico, em detrimento dos conhecimentos científicos. Esses colégios iam ao

encontro dos interesses da burguesia emergente e das camadas médias em razão de sua ênfase na ordem, na disciplina e na transmissão da cultura europeia.

Ao procurar uma instituição confessional, as famílias almejavam uma formação que se baseasse na transmissão da moral e dos costumes da fé católica. As mulheres recebiam lições de boas maneiras, prendas domésticas e polidez. As jovens tornavam-se, então, as principais divulgadoras das novas devoções difundidas a partir das escolas e das novas associações religiosas. Mas, mesmo assim, segundo Trindade (1996, p. 173) o lócus da mulher continuava a ser o espaço privado do lar.

### **O ultramontanismo e a educação feminina**

O ultramontanismo, foi um movimento de orientação política, uma autocompreensão desenvolvida pela Cúria Romana, nascido no continente europeu no interior da Igreja Católica que fomentou a criação de muitas congregações cristãs no mundo todo e principalmente no Brasil. Este movimento aparece embebido como uma reação ao mundo moderno, ao capitalismo, ao iluminismo, ao liberalismo e a todo o conjunto de novas ideias que, começando a se esboçar nos séculos XV e XVI, adquiriram contornos definitivos após a Revolução Industrial e a Revolução Francesa. Assim, pode-se examinar que, segundo Manoel, há quatro pontos básicos da filosofia da história do catolicismo ultramontano:

[...] (1) a negação católica do conceito de progresso humano, quando referido aos avanços materiais; 2) a não aceitação do conceito moderno de tempo e o significado dessa não aceitação; 3) a condenação do conhecimento racional, considerando causa da perdição humana; 4) a tese da necessidade de paralisação do movimento histórico e a volta aos padrões medievais como fundamentos da salvação humana. (MANOEL, 2004, p. 23)

Dentro dos preceitos do modelo ultramontano, estava incluído em seu projeto pastoral administrativo um projeto educacional, ou seja, uma estratégia usada pela Igreja, que, além dos seminários de formação do clero, abarcava principalmente a educação feminina. E como esta, historicamente, sempre foi precária no país era uma maneira de inovar a educação oferecida às mulheres, pois as alunas seriam, posteriormente, educadoras dos filhos e da sociedade, conforme os princípios do catolicismo. Desta forma, as jovens seriam preparadas para serem futuras “agentes sociais”, sendo esta uma das estratégias da Igreja.

Foi de suma importância para a Igreja o controle do sistema educacional brasileiro, pois este complementava as práticas relativamente difusas dos sermões, das atividades missionárias e dos periódicos católicos. Para uma eficaz implantação da romanização no Brasil, fazia-se necessário educar a infância e a juventude, porque se a Igreja não conseguia controlar toda a produção do saber, o sistema educacional conseguia selecionar o que deveria ser ensinado, formando jovens dentro dos princípios ultramontanos.

Dentro dessa perspectiva, a chegada da Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils na Cidade de Goiás não foi por acaso, mas sim uma política da Igreja capaz de se opor e vencer o novo mundo surgido e que tinha, como fundamento, a razão e as ciências como propulsores de um novo mundo moderno. Assim, podemos recorrer a Manoel (1996) quando ele salienta que a vinda das freiras para o Brasil se constituíram em uma etapa de um planejamento bem elaborado e em escala mundial do ultramontanismo.

A necessidade de implantação das escolas confessionais não se restringia somente aos vultosos recursos financeiros arrecadados com o recebimento de pagamentos das anuidades escolares, mas também em afastar as educandas das ideias modernas e das propostas de ensino leigo. Particularmente no caso da educação feminina, o discurso ultramontano ia de encontro às ansiedades da oligarquia brasileira, assim como da sociedade goiana, pois a criação de inúmeras escolas confessionais era uma das formas de a Igreja Católica se opor aos novos valores surgidos no então mundo moderno. Essas escolas dirigidas por Congregações católicas, no Brasil, tinham como objetivo, conforme já vimos, opor-se aos valores liberais e propagar os verdadeiros valores cristãos. Assim,

Ao controlar o sistema educacional, a Igreja poderia, na verdade controlar o sistema de difusão de ideias. Se lhe era impossível controlar a produção saber e circunscrever a ideias novas à sua doutrina, o controle do sistema educacional dava-lhe a oportunidade de ao menos, depurar a matéria de ensino, evitando, o quanto possível, a divulgação de ideias contrárias às suas teses e dogmas. (MANOEL apud GONÇALVES NETO; CARVALHO, 2010, p. 55)

Manoel (2010), ainda destaca que, no Brasil no século XIX, as concepções da sociedade eram apresentadas pelas ideias católicas no que se refere ao poder político e as relações familiares que não deixavam de ser convenientes à forma de vida das elites brasileiras. Mesmo que o princípio do liberalismo pregado pelas elites reforçasse o caráter individualista e o civismo como força para a implantação de uma “Nação”, a educação católica não fugia a estes interesses, já que esta sempre ensinou ao católico ser ordeiro e obediente, bem como ser respeitador da ordem constituída.

Cabe destacar que a expansão da rede escolar católica, no Brasil, só foi possível com a aliança entre a Igreja conservadora e as elites locais. Dessa forma, o interesse da Igreja pela educação fica bastante explícito quando se verifica a quantidade de instauração de instituições escolares católicas em diferentes estados brasileiros no período de Primeira República.

**Tabela 1 – Instituições escolares instaladas no Brasil entre 1890-1930**

<b>Número de instituições escolares católicas instaladas entre 1890 e 1930</b>	
Estado	Quantidade
Rio Grande do Sul	66
São Paulo	55
Minas Gerais	36
Rio de Janeiro	24
Pernambuco	18
Paraná	15
Santa Catarina	14
Rio Grande do Norte	7
Pará	7
Ceará	5
Bahia	4
Mato Grosso do Sul	4
Amazonas	4
Goiás	3
Piauí	3
Maranhão	2
Mato Grosso	2
Alagoas	2
Sergipe	2
Rondônia	1

Paraíba	1
Roraima	1
Acre	0
Espírito Santo	0
Tocantins	0
<b>TOTAL</b>	<b>276</b>

**Fonte:** NASCIMENTO, 2007, p. 108

Os dados estatísticos da Tabela 1 exprimem o projeto católico, relativo ao âmbito da educação escolar onde 276 instituições educativas católicas foram instaladas entre 1890 e 1930, sendo que, em apenas três estados, não se consta nenhuma instalação das referidas instituições de ensino. Com esses dados se registra uma média de cinco instituições por ano instituídas no Brasil.

A Tabela 2 explicita a instauração de escolas católicas pelo país, durante o período republicano:

**Tabela 2 – Escolas Católicas**

<b>Período</b>	<b>Instituições escolares católicas - período republicano</b>
1890-1930	268
1931-1945	216
1946-1964	464
1965-1985	238
1986-1996	103
<b>Total</b>	<b>1.361</b>

Elaborada pela autora. **Fonte:** Moura (2000, anexos 1 a 6)

Diante dos dados expostos na Tabela 2, as informações nos propiciam reflexões acerca da expansão católica durante o período republicano. Por conseguinte, o desafio é expor que os dados ora apresentados nos mostram que a Igreja mantém um equilíbrio entre os períodos

de 1890 a 1930, de 1931 a 1945 e de 1965 a 1985; podemos constatar também que há uma significativa expansão durante o período entre 1946 e 1964, além de verificarmos uma diminuição de quase 50% a partir de 1986, nos fazendo compreender que a Igreja, tenta, mesmo assim, se manter firme no propósito de “assegurar o seu lugar”. (ARAÚJO, 1986, p. 43)

Ainda, segundo este autor, é justamente nesse contexto que:

A Igreja lutará em diversas frentes: converter os “meios pensantes” do Brasil, formar nos colégios católicos uma elite de confiança e penetrar nos círculos e escalões governamentais através de acordos particulares, enquanto não chegava a hora oportuna das reivindicações sob pressão das massas populares, mobilizadas pela hierarquia. (ARAÚJO, 1986, p. 47)

Entre as congregações femininas que aportaram no Brasil, no período entre 1889 e 1930, encontra-se a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils. Essas irmãs, em 1885, pisaram em solo brasileiro, mas foi em 1889 que se instalaram em Goiás, mais precisamente na Cidade de Goiás. E foi na antiga capital do Estado, em 5 de setembro de 1889, que as religiosas fundaram o Colégio Sant’Anna, objeto de nosso estudo.

Diante dos fatos acontecidos, pode-se dizer que foi o projeto ultramontano que encorajou a ação das congregações católicas a se instalarem pelo mundo. Assim, a restauração católica, no Brasil, foi apenas uma das ações que foram colocadas em prática pela Igreja. Ao longo da história brasileira, muitas ações foram executadas, como a atuação no campo da educação feminina, conforme já mencionada anteriormente.

Em tal contexto, o ultramontanismo pretendia, segundo Manoel (1996, p. 49), “abarcando duas esferas sociais ao mesmo tempo: a religiosa e a familiar”. No que se refere à familiar, esta se destinaria à educação feminina, que, após concluírem seus estudos em colégios católicos, sejam como alunas internas ou externas, levariam o espírito cristão para seus lares. Assim, as meninas se formariam para serem futuras mães cristãs e que por sua vez ensinariam os princípios da fé e da piedade a seus filhos.

Diante de tais constatações, podemos afirmar que a necessidade inicial de educar formalmente as meninas não estaria, então, dentro de uma perspectiva de preparação e instrumentalização destas para ganhar o espaço público, mas sim dentro de uma perspectiva de prepará-las para o casamento, e isso iria de encontro com as aspirações masculinas de ter uma esposa educada.

Assim, a necessidade da Igreja de arregimentar as mulheres, como um alicerce seguro para as suas ações, somava-se à necessidade da educação feminina por parte dos anseios da então sociedade da época. Cabe destacar ainda que, como a política de investimentos era insuficiente no ensino público, fomentou-se ainda mais o incentivo das instituições confessionais femininas se instituírem em nosso país.

No entanto, é fato que a Igreja Católica apropriou-se da educação como um meio de impor suas ideias perante o mundo, pois a educação feminina, segundo os preceitos do projeto ultramontano, estava delineada por princípios religioso-católicos, baseando-se na disciplina, na renúncia e na obediência.

Assim, a Congregação das Irmãs Dominicanas de Nossa Senhora do Rosário de Monteils fez parte do discurso católico ultramontano, principalmente por meio da educação feminina no Estado de Goiás.

### **A educação feminina no Colégio Sant'Anna**

Ao fundarem o Colégio Sant'Anna em 5 de setembro de 1889, as religiosas francesas de imediato já iniciaram seus trabalhos educacionais, preocupando-se com a educação da juventude feminina. Desde o princípio, tinha seus objetivos e proposta pedagógica bem definida, como podemos verificar no estatuto transcrito, que apresenta seus objetivos, o ensino oferecido e as normas do estabelecimento, a partir de 1907:

[...] O Colégio Sant'Anna, fundado em 1889, é dirigido pelas Irmãs Dominicanas, desde sua fundação, tem tido, como fim principal, a formação de boas mães de família, instruídas e educadas nos princípios da Santa Religião. A Congregação das irmãs Dominicanas é administrada pela Superiora Geral. A direção local do Colégio de Sant'Anna é constituída pela diretora, vice-diretora, tesoureira e secretária. O ensino do estabelecimento abrange vários cursos: um curso primário de quatro anos, um curso complementar de dois anos e um curso normal de quatro anos. Todos estes cursos estão organizados de perfeita conformidade com os programas oficiais e contendo, a mais, a instrução religiosa, obrigatória em todos os cursos. Quanto a disciplina, o sistema pedagógico educativo é o preventivo. As colegiais estão constantemente sob olhar vigilante das professoras que, como mães amorosas, procuram tornar-lhes a vida colegial mais branda e amena possível. (CORREIO OFICIAL, 1907, p. 8)

Ainda sobre a abertura e importância dada ao Colégio Sant'Anna, pode-se dizer que este surgiu com a preocupação de preparar um ambiente material e religioso adequado para a formação intelectual da juventude feminina vilaboense, sempre seguindo os valores cristãos. Nessa acepção, a formação moral dessas jovens ficaria a cargo das Irmãs Dominicanas de Monteils, principalmente porque os princípios morais da época eram rígidos e, portanto, os

princípios católicos norteariam a educação dessas meninas e jovens que estudariam no Colégio.

De acordo com Carvalho (2001, p. 08), nesta instituição educacional “ensinava-se o latim, o francês, a gramática da língua portuguesa, a matemática, as ciências naturais, os trabalhos manuais”, entre tantos ensinamentos, sob o domínio fervoroso da fé católica. Seu programa de ensino estava de acordo a lei vigente, observando-se as reformas implantadas na década de 40, mais precisamente com o decreto-lei 8.529/46, onde este instituía que no curso primário elementar, com duração de quatro anos, seriam ministradas: Leitura e linguagem oral e escrita; Iniciação matemática; Geografia e história do Brasil; Conhecimentos gerais aplicados à vida social, à educação para a saúde e ao trabalho; Desenho e trabalhos manuais; Canto orfeônico e Educação física.

Na Cidade de Goiás, para além do currículo oficial, com o intuito de pautar e conduzir a ação educativa, o trabalho pedagógico desenvolvido pelas religiosas francesas tinha seu estilo próprio de transmitir o conhecimento, primando por uma educação centrada nos princípios morais, na disciplina, na formação religiosa, social e intelectual de suas alunas.

Uma característica importante a ser observada na pedagogia dominicana, segundo (RIBEIRO; MUTA; SILVA, 2007), foi primar pela cultura, principalmente no que se refere aos trabalhos manuais, à música, à pintura, ao estudo de línguas e no desenvolvimento da linguagem verbal. Dessa forma, podemos constatar que a grade curricular girava em torno do estudo de conteúdos associados às humanidades, ensino religioso, trabalhos manuais, evidenciando também preocupação com questões ligadas à cortesia e boas maneiras, necessárias à formação de uma mulher bem educada para o futuro.

De forma geral, pode-se afirmar, que a transmissão de conhecimentos, por parte das religiosas, seguia os padrões adotados pelo seu país de origem, conforme salienta Silva (1975), as práticas pedagógicas do Colégio Sant’Anna adquiriu um perfil europeizado.

Dentro dessa seara educacional, as religiosas dominicanas entendiam que sua missão era maior que simplesmente transmitir os conhecimentos à cerca das disciplinas básicas oferecidas no Colégio Sant’Anna e exigidas pela legislação de ensino. Assim, em sua ação educativa, as professoras religiosas instruíam suas alunas segundo os princípios da moral e da civilidade. Para Gonçalves (2004, p. 176), o objetivo da escola era “moldar comportamentos, adequando-os à moral cristã”. Percebemos assim, que ali se ofertava uma educação que investia na incorporação de valores e virtudes que modelavam as educandas por dentro.

A fundação do Colégio, como já foi mencionada anteriormente, fez parte de um aspecto novo da cultura educacional brasileira no final do século XIX, preocupando-se com a

educação das mulheres. Uma educação apoiada em um tripé em que a educação feminina deveria ser baseada na polidez, na obediência e na caridade, que “era o verdadeiro destino da jovem cristã, seu dever, sua missão, depois de completada a educação” (GUIDO, 1992, p. 64).

Por essa razão, o papel da escola era suscitar, nas educandas, qualidades essenciais à mulher, ter uma postura cultural digna perante o lugar social que ocupa ou que ocuparia na sociedade.

### **Considerações finais**

Diante do exposto, percebemos, então, que a sociedade brasileira de modo geral desde o período colonial foi permeada pela presença de Ordens e Congregações da Igreja. Tais Congregações, começaram a se espalhar pelo mundo, a partir do movimento ultramontano, uma consequência do liberalismo, que fora o grande responsável por desordenar a velha ordem social, econômica e religiosa. Sendo considerável sua influência no plano moral, nos costumes, na vida e nas bases cristãs da família.

A chegada das religiosas dominicanas na Cidade de Goiás culminou com a abertura do Colégio Sant’Anna em 1889 que oferecia a juventude feminina uma educação particular. Cujas maioria de suas alunas pertenciam a classe média e alta da cidade. Entre seus objetos de instrução, não se pode negligenciar que a intencionalidade de preparar as educandas para serem esposas e mães exemplares como também despertar nas jovens, a vocação para a vida religiosa. Por fim, em termos gerais pensava-se que ao instruir essas jovens se estaria favorecendo que posteriormente seriam repassados no interior da estrutura familiar.

### **Referências**

ARAÚJO, José Carlos Souza. **Igreja Católica no Brasil**: um estudo da mentalidade ideológica. São Paulo: Paulinas, 1986.

AZZI, Riolando. **A vida religiosa no Brasil**: enfoques históricos / Riolando Azzi, organizador (da coletânea). – São Paulo: Ed. Paulinas, 1994.

CARVALHO, Divina Célia Ferreira de. **O Colégio Sant’Ana e a formação da mulher vilaboense (1889-1970)**. Monografia. Cidade de Goiás: Universidade Estadual de Goiás, 2001.

GONÇALVES, Ana Maria. **Educação secundária feminina em Goiás**: intramuros de uma escola católica (Colégio Sant’Anna – 1915/1937). Araraquara, 2004. 220p. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara.

GUIDO, Maria Christina. **A mulher civiliza-se!** Educação feminina e francesa no Brasil Republicano: O Colégio Sace-Coeur de Jesus. Rio de Janeiro. (Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica), 1992.

MANOEL, Ivan A. **Os colégios das “freiras francesas”**: um exemplo das relações entre Igreja Católica e Estado no Brasil (1859-1919). In: CARVALHO, C.H.; GONÇALVES NETO, W. (Org). Estado, Igreja e Educação: o mundo ibero-americano nos séculos XIX e XX. Campinas: São Paulo: Alínea, 2010. p. 57.

\_\_\_\_\_. **O pêndulo da história**: tempo e eternidade no pensamento católico (1800 – 1960). Maringá: Eduem, 2004.

□□ \_\_\_\_\_. **Igreja e Educação Feminina (1859 – 1919)**: uma face do conservadorismo. São Paulo: UNESP. 1996.

MOURA, Laércio Dias de. **A educação católica no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2000.

NASCIMENTO, Maria Isabel Moura. **Instituições Escolares no Brasil**: o conceito e reconstrução histórica. [et al.]. – Campinas, SP: Autores Associados: HISTEDBR; Sorocaba, SP: UNISO; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007. – (Coleção memória da educação)

RIBEIRO, Benvinda Barros Dourado; MUTA, Ana Pereira Negry; SILVA, Edwardes Barbosa. **Memórias de Professores Portuenses (1940-1980)**. Porto Nacional: Pote, 2007.

SILVA, Nancy Ribeiro de Araújo e. **Tradição e renovação educacional em Goiás**. Goiânia: Oriente, 1975.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. **Clotildes e ou Marias**: mulheres de Curitiba na primeira república. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.